



O COELHO BRANCO



Por: a



Textos: Fani Szewc

Ilustrações: Sarah Grinschpun Troian

O COELHO BRANCO

Pensou e escreveu: Fani Szewc

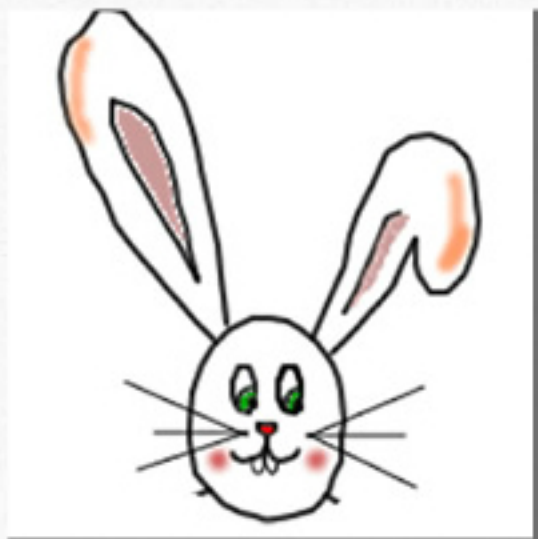
Leu e desenhou: Sarah Grinschpun Troian

2015



PALAVRAS DE LER E RIMAR

Coelho Branco.....	08
Coruja Sofia.....	09
Conheço um gato.....	10
Das fadas.....	11
Era uma vez.....	12
Infância.....	13
Lindolfo.....	14
Cadeirinha.....	15
Duas patinhas.....	16
Da loucura.....	17
Meia, meia lua.....	19



PALAVRAS JUNTINHAS PARA PENSAR

A menina que não sabia chorar.....	21
Que eu me lembre.....	24
O relógio verde.....	26
O relógio marrom.....	27
Saudade.....	29
Fly.....	31
O adeus.....	33

PALAVRAS...



Podia ser uma tartaruga, podia ser um tigre lindo mas não... foi um Coelho Branco, a me abanar com sua patinha peluda branquinha, quem fez um "clic"!

Desse momento em frente, as palavras sempre me acompanharam e foram importantes.

Olha só: "tartaruga", que palavra sonora, bonita de se dizer... de se escrever... de se escutar...

Aos pouquinhos, aprendi que são tantas, tantas palavrinhas que só uma, de cada vez, traz prá gente alegria, saudade, esperança...

Esperança, essa é uma "sra. palavra". Esperança de quê? De crianças lendo, escrevendo, crescendo, sonhando...

Tá aí: acho que o amigo Coelho Branco, capaz de voar, de aparecer e de sumir, vai concordar e aplaudir com suas patinhas – um viva para todas as palavras, de todas as línguas, de todas as gentes!!!

E lá vêm elas se colocando, uma ao lado da outra e me contando coisas...

Era uma vez...

Oi! Hello!

Eu sou o Coelho Branco. Não o da Páscoa. O Branco. Sempre acompanhei uma menina de óculos curiosa. Foi assim: ela descobriu minha casa, um dia... e eu me acostumei a abanar minha patinha branca prá ela ter coragem, na escola, em todos os lugares...

Tô bem faceiro de estar nas páginas de um livrinho... Me dá muito orgulho...

Eu não sei escrever como as meninas... mas sei sentir...

Na verdade, entre as lembranças, as saudades e as esperanças sei que estou, grandão, branco e orelhudo...

Cada um pode imaginar o seu Coelho como quiser, isto é que é legal...

Constrói o teu!!!

Pode ser orelhudo, cinzento, lilás, azulão...

Vamos lá, coragem!!



Nas nossas histórias, por menores que sejam, podemos imaginar, mudar, surpreender...

Bom, agora tô indo... vou pular e sair por aí...

Pssst!! Eu que sinto tudo, só não sei escrever, estou em cada página desse livrinho...

Coelho Branco!! Lá vou eu encontrar o ursinho, as crianças da Cauduro, a cadeirinha e a guria de rua...

Tchau, tchau!

Boa leitura!

PALAVRAS DE LER E RIMAR...

COELHO BRANCO

Quando eu era pequeninha
e caminhava com o pai pela
mão
lá estava o Coelho Branco
pulando no caminho da
escola,
na casa de vidro,
patinha abanando,
no chão...

Segredo profundo, atenção:
nas tristezas,
nos sorrisos, que bom!!
só eu tinha e tenho
um Coelho Branco amigão...

que me dá muita força,
que me faz rir, pela janela...
que pisca lá da sacada...

E o tempo passa depressa
caminho sozinha...
lutando...
O Coelho Branco me ensina
guria, segue cantando!!

Hoje o Coelho é bem mais peludo
corre, orelhudo e esperto
gente grande vai ao shopping
mas eu tenho o Coelho por perto...



CORUJA SOFIA

A sabida coruja Sofia
Tem olhos grandes
bondosos...
É mestre em filosofia,
Medita, elabora,
Recria...

Resolveu viver no Brasil
Aqui tem seu ninho
...e filhotes
que trata com todo carinho
sob o céu claro e azulzinho...

Às vezes, dependurada,
Cabeça prá baixo, num fio,
Recorda seus tempos de glória
Do Partenon, de Atenas
...e da história...

Sábia Sofia coruja
Mãe brasileira amorosa
Na noite estrelada, em sussurro,
Prevê o futuro... misteriosa...

De óculos, emplumada Sofia,
Recorda ancestrais do passado
...É meiga protege com as asas
Mãe-coruja, o filho aninhado...



CONHEÇO UM GATO...

Conheço um gato fujão
Pretinho, peludo e manhoso
Se esfrega sobre almofadas
Mansinho e bem carinhoso...

De olhinhos espertos
Modos de lorde delicado,
Bastião dormia e sonhava
De um dia saltar pro telhado...

Bastião não sentia frio
Dengoso como ele só
Olhava pelas janelas
Pensava nas ruas, no pó...

Conheço um gato Bastião
Chique, nunca sente fome
Virou gatinho fujão,
Pulou da cesta, sem nome...

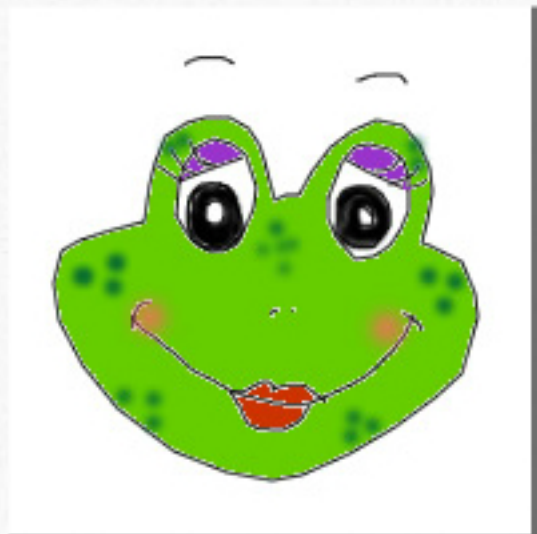
Mia, prá lua, feliz,
Bastião, gatinho fujão,
No coral da gataria, noite alta,
De liberdade ele é campeão...



DAS FADAS...

Naqueles tempos das fadas
Que hoje moram no Olimpo
Viveu uma rãzinha feia
Sem nome, sem graça...
na areia...

...E a rãzinha esverdeada
Se olhava nas poças e via
Uma princesa encantada
Esbelta, loira... e sorria...



Naqueles tempos das fadas
Rãzinha pulava e lutava
Para caçar muitas moscas
Com sua cabecinha
Pensava...

Naqueles tempos de fadas
As rãs podiam sonhar
E vendo-se linda no lodo
Rãzinha julgou amar...

Pois hoje moram no Olimpo
As fadas, os gnomos, duendes
Princesas, só na Inglaterra
As rãs saltitam no campo...

Viveu uma rãzinha feia
Como outras, sem graça, na areia,
Afogou na lagoa um amor
Solitária, escondido,
Na dor...

ERA UMA VEZ

Era uma vez um ursinho
Esperto e bem peludinho
Que veio de muito longe
Poliglota, sábio e gordinho...

Era uma vez um ursinho
Que alguém mandou para alguém
Que tinha sonhos e risos
E esperava um neném...

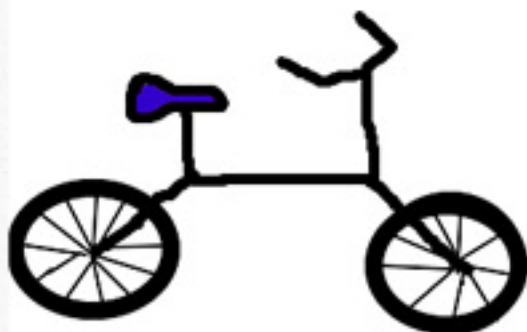
Era uma vez um ursinho
Marrom e tão mimosinho
Que só de olhar já se via
Dizia: quero um colinho!

Era uma vez um ursinho
Que o tempo não viu passar
Nenéns viraram adultos
Na estante ele foi morar...

...E lá está o ursinho
Poliglota, doce e meiguinho
Que às vezes me pisca um olhinho:
Sou teu peludo amiguinho!!



INFÂNCIA



Quando limpar as gavetas
por certo ela saltará de lá
de louça, olhos de vidro, boneca,
Lindolfo, Linda, onde estará?

Quando as gavetas abrir
para que a luz aí penetre
biboquês, mil jogos, sapatas,
por encanto vou descobrir...

... e vou correr de bicicleta
lomba abaixo, pura, moleca,
e meias-luas rodopiar
entre cirandas cantarolar...

Quando limpar as gavetas
recordarei cada trapo, cada encanto,
cada amigo ausente, cada espanto,
risadas ao sol, distância...
Infância...

LINDOLFO



Era como um menino
Igualzinho, de verdade
O boneco de nome Lindolfo
Com carinha de felicidade...

Lindolfo mexia os braços,
a cabeça, até sorria
para a menina bem ruiva
que tanto bem lhe queria...

Brincavam os dois, passeavam
Na praça, na rua, entre cores,
Só a menina crescia,
Lindolfo sentava entre as flores...

Era como um menino
Lindolfo, doce amiguinho,
Um queijo a quem for buscar
No passado o meu bonequinho...

CADEIRINHA

Uma cadeirinha marrom,
Baixinha e envernizada,
Estava sentada quietinha
Num canto da sala...
encantada...

Ninguém sabia sua história
E o que fazia ela ali
Sorria, atenta... e escutava
Conversas de mãe e guri...

E o tempo, que passa, passa,
E a flanela que espanta cupim,
Cuidaram da cadeirinha
Com carinho, lustra-móveis...
...Enfim...

O guri cresceu tão depressa
E a mãe velhinha ficou
Cadeirinha – que bom – não envelhece,
A marronzinha pensou...

E a mãe do guri feito homem
Que todo o dia sonhava
Um dia um gordinho mostrou...
...E a cadeirinha – cantava...

Uma cadeirinha marrom
E uma velhinha sozinha
Abraçam o bebê bochechudo
No silêncio... em paz... da casinha...



DUAS PATINHAS...



Cachorro, urso, cavalo
quatro patinhas têm
Eu, o Coelho Branco que pisca,
estou triste por alguém...

Amiga Juju, gata velhinha,
Nem me nota quando passo
Eu corro, eu voo, eu protejo,
Juju fixa os olhinhos no espaço...

Já não corre, gatinha Juju,
Nem pula com suas duas patinhas
Se encolhe, sentada bem quieta
Juju é uma gata tristonha...

Cachorro, urso, cavalo
quatro patinhas têm
Os amigos bichos, bonecos, todos...
Gataria, Dubi valentão
E eu, Coelho Branco grandão,
Zelamos pela Juju
Miamos, latimos unidos
Ligados pelo coração...

DA LOUCURA

Este tum-tum eu conheço
Trago no peito, estremeço,
Bato com os pés
Quero aplaudir
Esse fom-fom quero ouvir...

Bailo mimosa
Tenho trancinhas,
Sou menininha na praça...

Risos e dentes, cheiros,
pipocas...
Fada madrinha de graça...

Este tum-tum eu conheço
De longe, de mãe carinhosa
Essa harmonia,
Delicadeza
Danço com toda alegria...

Esse vestido, velho
... e tão roto...
Essa cara marcada...
Esses cabelos, sujos,
não importa,
Finjo que estou fantasiada...

Vem pequenina
que não vê feiura
Vamos com palmas vibrar...
O sol é só festa
Meus pés sem chinelas
Escutam os sons da loucura...



Esse tum-tum eu conheço
Trouxe um fom-fom escondido...
O pó das ruelas
Risada do povo
Bato com as mãos...
...de ouvido...

...E viva a banda
... Ecoa ciranda
Barriga agonia
Descalços pés chatos
Magrela mão fria:
Marco o compasso - ... vadia...

Porque esse tum-tum eu conheço
Se esconde comigo do frio...
Meus olhos incertos
Meus lábios libertos
Valsam num mundo vazio...

PS – Essa história ouvi de Anne, que escutou com o coração, no movimento da praça, nos barulhos das gentes, com os ouvidos sensíveis de sua emoção...

MEIA, MEIA LUA...

Meia, meia lua...
Um, dois, três...
Nós somos daquela turma
Prontos pra correr outra vez...

A Romilda é quem fecha
Um, dois, três...
Quando ela vira, somos
estátuas
- Tô cuidando de vocês!!!

Meia, meia lua...
Tem o Chepi, tem a Zelde
Na Cauduro, pela rua,
De mãos dadas, um dois, três...

Meia, meia lua...
Lindolfo, o boneco alegre,
corre comigo, um, dois, três
pelas pedras, com cuidado,
é um menino de xadrez...

Meia, meia lua-cheia
verão pleno, somos crianças
Romilda batendo, crescendo
- Um, dois, três que tô te vendo!

A ruazinha não é mais aquela
A gurizada partiu
Meia, meia lua...
Um, dois, três...
Amiguinhos da Cauduro
Jamais esquecerei de vocês!!



PALAVRAS JUNTINHAS PARA PENSAR...

A menina que não sabia chorar



Era uma vez uma menina que não sabia chorar. Uma menina como as outras, nem linda como as princesas, nem feia como a maldade. Uma menina do Bom Fim. Que tinha um vô sapateiro, uma vó de olhos claros e cheia de geléias gostosas na cozinha, um pai alfaiate, uma mãe meio triste, meio alegre, irmãos e um cachorro de pelo alaranjado, brincalhão como só ele.

Como se falou no início, a menina não sabia chorar. Nunca. Às vezes, quando seu coraçãozinho ficava apertado, até parecia que uma lágrima ia nascer, por detrás de seus óculos de guria míope. Mas não. Ela pensava – meninas pensam tantas coisas – pra quê? Eu tenho um vô, eu tenho uma vó... e sua cabeça de menina lembrava de cada um... daí passava a vontade.

Meninas guardam tantas coisas escondidas no coração... E lá ficava uma dessas coisas...

E aí, gente, o tempo, que se conta nos relógios, foi passando, passando... verão, outono, inverno... brrr... primavera cheia de verde... menina vai... menina volta da escola.

Ah! E tem o cachorro alaranjado!! No coração da garota de óculos, apesar de todas as estripulias, existia um lugar especial para ele. Por que será?



Talvez, porque era um peludo querido, porque não falava mas olhava pra ela sempre alegre, se deitava no chão, quando ela fazia as tarefas, aí quietinho e manso.

E a menina pensava – que amigão-bicho que eu tenho! Isso é tão bom!! E guardou mais um segredo escondido bem chaveadinho...

Então, um certo dia, aconteceu o que sempre pode acontecer nas histórias. Foi bem assim: a menina de óculos, como de costume, chegou da escola, de tardezinha, largou suas coisas e chamou o Peludo! Peludo! Estranhou. Ninguém respondeu latindo, correndo lá do pátio, às vezes derrubando o que viesse pela frente...

Mãe, a gurria começou a falar... A mãe chegou perto dela diferente, hoje mais triste do que sempre. O Peludo escapou, disse rápida, quando o carteiro apitou a campainha. Oi! Que cachorro danado! Já chamei na rua, não apareceu... Quem sabe volta logo...

Quem sabe ele volta logo... um dia... dois dias... uma semana... verão... outono...

A menina de óculos acordando, indo para o colégio, esperando... esperando... os olhinhos atrás dos óculos buscando pela rua, em cada cão mesmo preto... mesmo branco... mesmo cinza...

Até que chegou o inverno e a chuva dizendo: o frio está aí... e o Peludo não vai mais voltar. De repente as lágrimas começaram a cair pelo rostinho, os óculos nem deixavam ver direito, as gotinhas foram se juntando, escorrendo – então, isso é chorar? é quando a tristeza toma conta da gente? Peludo! Peludo! – murmurou ela, não gritou... eu nunca vou te esquecer, ta?



E uma menina começou a chorar...

As histórias são muito legais. Podemos mudar os seus finais por nossa própria vontade. E o Peludo, o que foi mesmo que aconteceu com ele?

Podemos imaginar que, muito curioso, ele, quem sabe, saiu para a calçada, cheirou para cá, cheirou para lá, encontrou um grupo de amigos-cachorros e... resolveu juntar-se ao bando, em busca de grandes aventuras; ou quem sabe Peludo deu de cara com um Coelho Branco, tornaram-se camaradas e passaram a visitar crianças outras, olhar por elas em muitas cidades e paisagens... e de tempos em tempos, voltaram pra cuidar daquela guria...

De verdade verdadeira, o Peludo nunca mais apareceu, sabem, e a guria vai se lembrar dele com muita saudade, mesmo crescendo ou trocando de óculos.

Peludo ficou dentro de seu coração escondido.

De verdade verdadeira, era uma vez uma menina que aprendeu a chorar...

Que eu me lembre...

Que eu me lembre é sempre assim: trânsito congestionado, as ruas parecendo estreitas pela demanda dos carros, fim de tarde em Porto Alegre.

O fusca companheiro, música suave no ar, é tempo de cumprir o trajeto diário rumo à FAPA.

São quarenta e cinco minutos de muita paciência, suficientes para a mágica transformação da operária da saúde em teimosa estudante de Letras.

Em meio aos motoristas nervosos, só há lugar para os sons agradáveis e o espoucar de pensamentos... a jornada de trabalho... os filhos adultos... os amores já mortos, sofridos e enterrados...

Minha reta segue pela Protásio Alves, primeiro classe média, a seguir pomposamente burguesa e, mais tarde, quando próxima do Morro Santana, empoeirada ou alagada e esburacada.

O fusca reclama da marcha entrecortada das carroças, caminhões, ônibus, deslocando-se em lenta procissão e eu, no seu comando, argumento que a história da classe operária reflete a luta por respeito aos seus direitos, mesmo o de ir e vir...

Na Manoel Elias, dois ou três graus de temperatura abaixo, repasso cenas vividas e paisagens longínquas orientais de colinas eternas e, no entanto, tão parecidas...

A falta de sinalização, a luz alta dos demais, o pó, não ofuscam a beleza do anoitecer no Morro. Há brilhos de estrelas no céu e tantas luzes na cidade já acesa que não distingo, embora queira, onde a noite é céu, onde as luzes pertencem aos homens.

No pátio, há cheiros de jasmim no ar e sussurros de velhas, altas árvores que o vento traz. Caminhar pelas alamedas até o bar reconforta, oxigena e liberta.

Suco de limão bebido, volto-me para a direita e lá estão os três misteriosos prédios, como os três mosqueteiros, o “A”, o “B” e o “C”; lá o conhecimento habita... ou será fantasia imaginar que ele ali se esconde?

Não é nenhuma PUC, plantada ali, só, no alto do morro, esta FAPA. Lembra colônias comunitárias e coletivas pisadas por meus pés faz tanto tempo...

A FAPA tem cara de liberdade, largada, encrustrada no mato, no verde, nas brisas, sob a cumplicidade da lua namoradeira e das estrelas e nuvens...

Ela me faz bem por ser assim, tão poucas grades ou portões, ao ar livre, florida, natural e definitivamente diferenciada de um Campus mais formal.

E aí é que está o seu encanto, a simpatia provocada pelo simples, pelas salas envidraçadas do bloco “A”, abertas para o verdor da grama mal podada e para a chuva, quando ela chega, atrevida, e nem quer saber se eu trouxe sombrinha...

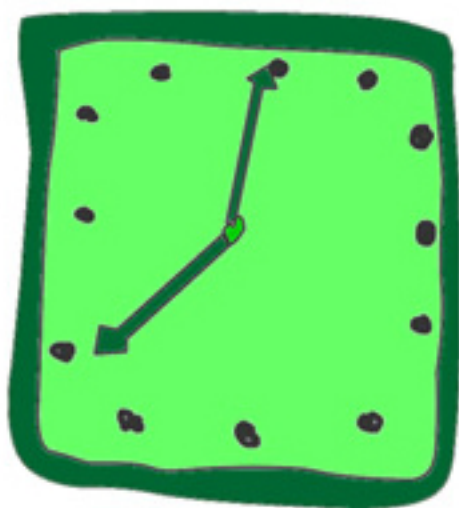
Que eu me lembre, é sempre assim: o chegar demorado e cansativo, o respirar bem fundo, encarando a movimentação geral, e a sensação imperceptível aos demais do perfume sutil de sentir-se em paz.

PS: É para lembrar essa caminhada que incluo a ida à FAPA. Tempo de sonhos e grandes esperanças que a poeira dos anos vai cobrindo... cobrindo...

O RELÓGIO VERDE

Era uma vez um relógio lindo, colorido com verde, que morava sozinho numa sala bem simples, cinzenta, de uma escola qualquer.

Ninguém falava com ele... as pessoas olhavam, olhavam e, depois de um tempinho, saíam, sem nem dizer “até logo”.



Pensado e feito. Aquela moça alta, de olhos claros, que mal e mal encarava o “Senhor Relógio” começou a reparar nele... e se preocupou com ele. Chegou a falar para a velhinha de óculos “olha só, o relógio verde não quer trabalhar; acho que adoeceu!”

A velhinha, que também visitava o mesmo local, compreendeu aos poucos, o porquê do “dodói” do relógio verde.

À noite, conversou com ele, segredou-lhe uma palavra mágica que só os velhinhos e os Coelho Brancos conhecem... e pronto!!

Não é que o relógio voltou a marcar o tempo direitinho, com calma, certeza e exatidão?

Na saída, a velhinha prometeu: “vou sempre lembrar de ti, podes andar bonitinho como sempre. Ser sozinho não é defeito...”

Era uma vez um relógio lindo, colorido com verde, que morava sozinho numa sala bem simples, cinzenta, de uma escola qualquer.

Só que um dia, num instante, ele aprendeu, como a velhinha e todos os Coelho Brancos, a conviver em paz com a sua solidão...

O RELÓGIO MARROM

Sabe, Clarinha, o tempo foi inventado pelas pessoas. Ele vai passando, passando, como as pessoas passam. Pois para marcá-lo é que existem relógios, de todas as cores, tamanhos e formas.



E falando neles, nos relógios, vou te contar sobre um muito especial. É marrom, lindo, lindo, de dar corda, torneado em madeira, uma preciosidade cantora.

É que, além de marcar horas e minutos certinho, aprendeu, desde pequenino, a cantar um melodiazinha, de quinze em quinze minutos. Uma belezura!!

Pois o relógio marrom morou por muito tempo numa casa do Bairro Rio Branco, numa rua antiga, cheia de árvores, com gente grande, pais, e gente miúda, os filhos, e um cachorrão chamado Uri.

Era um movimento sem fim naquela casa. Gente entrando, flores no pátio crescendo, cheirinho gostoso da comidinha feita na cozinha...

O relógio marrom sempre acompanhando tudo, do alto de uma estante, contente.

O tempo foi andando, de quinze em quinze minutos, e ele ali, marrom, como sempre.

E como acontece nas histórias, as crianças cresceram e tomaram seus rumos. O cachorrão, foi morar no Céu dos Cachorros; o pai deixou uma saudade em todo o casarão e a mãe, um dia, descansou.

O relógio marrom, com o silêncio da casa, agora velha, protestou se calando. Não cantava mais, não marcava mais o tempo. Para quê?

O pó tomou conta de tudo; as plantas viraram um mato... a vida parou de acontecer.

De repente, porém, o Coelho Branco, esperto e sabido como ele só, trouxe de volta ao casarão uma das crianças, agora vovó, que acreditava em fadas, em relógios mágicos e em grandes amigos Coelhos Brancos.

Pegou-a pela mão e ali colocou uma chave antiga, que ela nem lembrava existir.

- Que pena, disse a vovó, ao entrar na grande casa da Miguel Tostes; o relógio marrom parou, não quer mais andar; deve sentir tanta tristeza quanto eu! Já sei!! Vou levá-lo prá minha casinha, tirar o pé e conversar com ele sobre os velhos tempos. É, ele vai comigo. Vou olhar para ele todas as manhãs, parado, e pensar que o tempo nem se foi.

O Coelho Branco sumiu. Pra variar, estava com tanta pressa, precisava fazer tantas coisas... Fungou, levantou as orelhas brancas e partiu.

A menina-vó pegou com força o relógio marrom pesado e lá se foi para casa, leve e menos infeliz. Limpou toda a poeira e passou a mão enrugada, pensativa, nas formas torneadas daquele restinho de épocas passadas.

Nessa noite, dormiu tranquila e serena, bem como antigamente.

De manhã, acordada, adivinha o que ela fez, Clarinha? Isso mesmo, foi direto admirar aquela travessura de carregar o relógio marrom parado para perto de si.

Parado? Eu disse, “parado”?

Que nada, ele voltou a marcar o tempo certinho, sem corda, sem pilha, sozinho. E não parou mais...

Só cantar não canta...

E eu te pergunto, Clarinha, o que aconteceu de verdade?

Será que o relógio marrom sente como a gente toda? Será que o carinho da menina-vó aliviou seu coração relojoeiro e ele achou que valia a pena continuar marcando o tempo?

Ou foi alguma mágica escondida do Coelho?

Eu, que não sei explicar muitas coisas, espero, a cada instante, que a tristeza passe e o relógio marrom volte a cantarolar...

SAUDADE

Quando a casa está silenciosa e eu quieta, às vezes, a saudade me leva até meu pai.

... Não vamos nos assustar, filha, dizia, num modo meio polaco de falar, com explicações sobre o seu corte de cabelo rente, para separar os muitos fios brancos dos negros ainda restantes.

Os netos divertiam-se com aquela cara de papa João Paulo II bonachona, primeiro presos ao colo do vô, depois seguros pela mão, mais tarde, observando-o, do alto de suas adolescências...

...Frio não sentia nesta capital gaudéria, escolhida de viver e de amar...

...Frio, só aquele lá de longe, dos gelos nos campos da infância...

Histórias tantas de patinar no rio de nome estranho feito cancha para brincadeiras sob o inverno europeu... escassas cobertas... e a mãe a esquentar o chá em fogão de lenha sempre aceso...

...E o João Comilão, criado para magia e encantamento dos pequenos da casa? Eis que o encontrara justamente numa churrascaria da Avenida Brasil, no Bairro São Geraldo, próxima de sua fabriqueta?!... E comia batatas fritas!!... Olhos esbugalhados, garfos escolhendo petiscos na mesa farta, as crianças da família vislumbravam, por gestos e artes do avô, o João saltitante à sua frente...

Palavras contadas, opiniões firmes, posicionamentos claros, aprendiz de feiticeiro por sua conta e risco, chegado em navio mercante, passagem paga por irmão imigrante – assim foi meu pai.

Desde menino - de ofício, alfaiate, - formado nos ensinamentos da velha Polônia... através do tio, que aprendeu de seu pai, que praticou com um padrinho...

Quem, para um corte mais acertado, sem erros ou desperdícios de pano?

A herança genética longínqua trouxe-lhe força física, estatura mediana, um sorriso aberto e cordial.

Assim era meu velho, como um tronco de árvore, pronto a escorarnos, quando em perigo, e a proteger-nos dos temporais da vida.

Homem de muitos pensares, autodidata em paz com o mundo...

Pois em certa noite de mistérios, chuvarada e vento batendo no julho porto-alegrense, sem mais aquela, esquecido de avisar ou de um

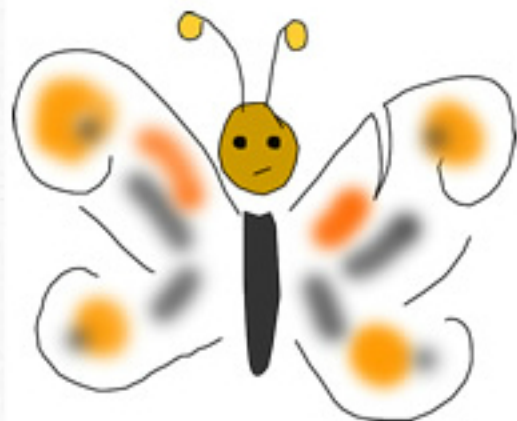
gesto qualquer, juntou-se aos pais e irmãos no céu dos polacos, certamente aos rebrilhos de sóis, de luas e cometas...

Quando a casa parece adormecida, em hora tardia, tantos anos passados, não é preciso buscar palavras. Do fundo escondido das mágoas, no gosto de lágrimas já secas, emerge o “não vamos nos assustar, filha!”. No coração ecoa a voz eterna de meu pai.

FLY

Era uma vez uma menina de oito anos e seu pai. Passeavam sempre pela beira da praia, olhando o mar. O pai cuidando. A menina brincando, correndo, catando pedrinhas.

O pai, explicando as coisas da natureza ao redor. A menina, ouvindo. O pai, observando sua menina crescer curiosa.



E foi assim que um dia, gente, naquele areiume imenso, a menina encontrou uma borboleta. Pai, como pode ela aqui, na areia? Ela tem asas, filha, voa por onde quiser...

A menina aproximou-se, bem devagar, do colorido insetinho. As águas chegando até a beira, areia, areia, sol, vento... um pai caminhando, vigilante, uma menininha com os olhos pregados no solo... observam o serzinho colorido... que não voa. Fly, teu nome é Fly, viu? Voa, vai...

Menina. Borboleta. Asa rasgada como papel. E agora, pai? Posso ajudar ela?

Ela está machucada, é difícil... tu sabes, filha...

Menina e pai. A borboletinha cumprindo, na areia, o seu destino natural.

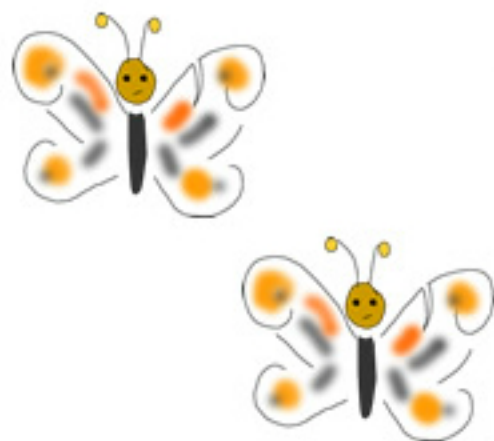
Ela é a Fly, vou cuidar dela, pai. Estendeu um dedinho da mão, onde Fly se colocou.

Em casa, de volta, Fly, menina e pai, lutam juntos por uma asa partida.

A menina sabe; o pai sabe... E Fly, colorida e linda, voa pelo Céu das Borboletas.

Uma menina, um pai... e Fly é colocada numa caixinha de fósforos e enterrada no quintal.

O pai assiste a sua menininha a compreender os mistérios da vida.



Só a garota, porém, abraça sua boneca preferida, olha para o céu e jura enxergar, cheia de cores, a família Fly voando, voando, feliz, rumo ao horizonte...

PS.: Essa historinha chegou-me através da fala encantada, dos gestos e dos olhares de uma menina castanha, de óculos, durante uma conversa de verão.

Uma menina que se veste de todas as cores e brilhos como a Fly.
Meninas de oito anos têm muitas ideias, sonhos, segredos e, até por isso, mesmo, com os pezinhos no chão fincados, ainda voam... voam... voam...

O ADEUS

Era uma vez uma mulher... num dia de muita chuva... que eu olhava pela janela as gotas caindo, ritmadas, na calçada deserta de um domingo qualquer...

E essa mulher, meio moça, meio envelhecida, percebia, fixando os olhos sem brilho, sua própria imagem no vidro feito espelho. Pensava que aquelas rugas todas nem pareciam dela, e os cabelos brancos,

puxa vida, como haviam aumentado ultimamente.

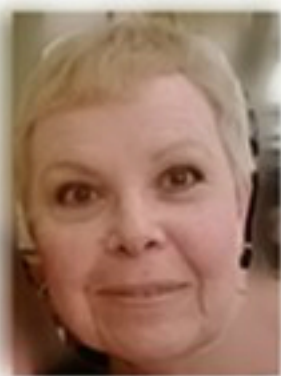
... Pensava e revivia, num relance, todo o esforço, toda a luta, dois filhos pequenos, a busca de uma saída para um recomeçar tão só... as batalhas que foram tantas... e as doenças das crias... ela própria mãe guerreira, de peito aberto, afrontando os raios e os trovões... tudo vai melhorar, atirava para dentro de si mesma, enxugando alguma lágrima safada a pingar na cara... tudo vai melhorar... e recontava as notas escassas na carteira... êta inflação danada... o que faço com esse salário?

Parece até que foi logo ali... já são adultos, as gripes nem preocupam mais... remoia ela, levantando a mão direita com lentidão...

desenhando uma letra, não importa, sobre o vidro embaçado pela umidade...

Era uma vez uma mulher, quase envelhecida, que costumava permanecer quietinha, parada frente à janela... e ninguém dava por sua presença ali, naquele asilo onde as visitas já não a buscavam há muitas rugas e tantos cabelos brancos...

Só sei dizer que quando chove... e a rua adormece, silenciosa... em domingos quaisquer... sua mão enrugada e débil, do lado de dentro da vidraça, juro, parece me acenar adeus...



Pensou e escreveu:

Fani Szwec

Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas

Licenciatura Plena em Língua Inglesa e Literaturas

Pós-graduação em Leitura e Produção Textual

Professora de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa

Leu e desenhou:

Sarah Grinschpun Troian

Estudante do 5º ano do Ensino Fundamental